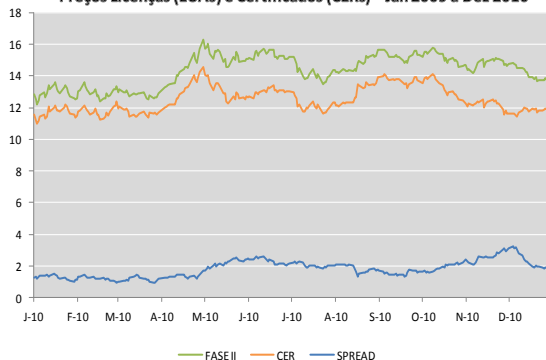


Preços Licenças (EUAs) e Certificados (CERs) - Jan 2009 a Dez 2010



valores em €	31-Dez	MoM	%
EUA Spot	13,75	-0,93	-6,34%
Fut 2011	14,24	-0,42	-5,38%
Fut 2012	14,63	-0,88	-5,67%
Fut 2013	15,60	0,09	0,58%
CERs Spot	11,85	0,29	2,51%

	31-Dez	%
UK Gas (NBP p/th)	61,07	12,16%
Carvão (API2 USD/t)	131,40	18,38%
Brent (USD/barrel)	94,75	8,81%
Crude (USD/barrel)	91,38	7,17%
German Baseload	52,50	6,60%

Mercados de CO₂

LICENÇAS DE CARBONO SOBEM 12% EM 2010

Apesar de uma queda superior a 6% em Dezembro, os preços das licenças de carbono (EUAs) no mercado spot terminaram o ano de 2010 com ganhos de 12% face ao final de 2009, mas cerca de 4% abaixo da média verificada ao longo do ano. Os Certificados de Emissões Reduzidas (CERs) subiram 6% no ano tendo ficado cerca de 5% abaixo da média das cotações de 2010.. (cont. pág. 2)

Um pequeno passo para o homem que pode ser um grande passo para a humanidade

Um “acordo modesto”. É assim que tem sido apelidado o que foi conseguido em Cancún na Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (COP16).

Representantes de 194 países aprovaram, apesar da oposição isolada da Bolívia, acordos que incluem os pontos mais importantes do Acordo de Copenhaga e trazem avanços importantes, criando expectativas para um compromisso vinculativo na África do Sul no final de 2011. (cont. pág. 2)

O Clima, os Custos e o Clima nas empresas em 2010

O Clima

Terminou agora o ano de 2010 e a década mais quente desde 1850. Segundo a Organização Meteorológica Mundial (OMM) desde que há registo, 2010 juntamente com 1998 e 2005 terão ficado nos três anos com temperaturas médias globais mais elevadas e 0,55°C acima da década de 1961-1990 numa comparação de períodos iguais. Segundo a OMM, este aquecimento global, regionalmente fez-se sentir especialmente em África e em partes da Ásia e do Ártico na última década e, em particular no último ano, fez-se sentir mais no Canadá e Gronelândia e na faixa do Norte de África até ao sul da Ásia. Por contraste, na Europa foi um ano mais frio que o normal no Norte e um Inverno especialmente chuvoso no Sul, incluindo Portugal. (cont. pág. 3 e 4)

Mercados de CO₂ (cont.)

Mercado Secundário Carbono - Resumo 2010					
31-12-2010		Final 2009	Varição Anual	Média 2010	Var Média 2010
13,75	EUAs	12,33	12%	14,32	-4%
11,85	CERs	11,14	6%	12,51	-5%

A quebra verificada no último mês acabou por ser uma surpresa face ao aumento da procura de electricidade no mercado europeu em resultado da vaga de frio registada na segunda quinzena de Dezembro. Em consequência, registou-se uma subida do preço do MWh no mercado alemão para o máximo dos últimos seis meses. Em condições normais, o preço do carbono deveria ter acompanhado o movimento de subida no mercado eléctrico, mas os volumes reduzidos transaccionados em bolsa indicam que os principais compradores (as termoeléctricas do centro da Europa) após terminados os seus programas de cobertura de venda de electricidade para 2011, estiveram simplesmente ausentes do mercado neste final de ano. É assim mais que previsível que já em Janeiro, os volumes transaccionados voltem aos seus valores normais e que as EUAs recuperem para valores próximos dos € 14,50.

Nas suas análises para 2011, os principais analistas do mercado de Carbono voltam a perspectivar uma forte subida nos preços dos activos de carbono. Em particular, e no caso das EUAs, a média dos preços alvo para 2011 é de aproximadamente €20, valor cerca de 45% acima das actuais cotações de mercado. Um aumento da procura por parte das termoeléctricas, em particular as da Alemanha e do Reino Unido, e uma diminuição da oferta resultante do mais que possível adiamento para 2012 por parte da Comissão Europeia dos leilões de novas licenças, serão os principais catalisadores desta esperada subida nos preços.

Apesar deste cenário de subida defendido pela maioria dos analistas, a verdade é que a experiência dos últimos dois anos nos tem demonstrado que estas previsões têm sido normalmente demasiado optimistas, e que outros factores, nomeadamente as condições macroeconómicas, têm prevalecido como principais motores da evolução dos preços do CO₂. Será assim fundamental monitorizar ao longo do ano a evolução do crescimento económico, da produção industrial, das taxas de juro, e da evolução cambial na zona euro.

Os dados de final de 2010 são relativamente optimistas, mas face à instabilidade do mercado de dívida, em particular nos países periféricos (PIGS), um cenário de nova recessão (*double dip recession*) não está totalmente posto de lado, e neste caso não será possível evitar uma forte queda dos preços do carbono. Crucial para este mercado será também a decisão política sobre os objectivos de redução de emissões até 2020. Os principais líderes europeus terão que definir ainda no primeiro semestre se estabelecem um limite de 20 ou 30%, e o conhecimento deste dado irá sem dúvida ter forte impacto nas cotações de mercado.

Francisco Rosado
Director-Geral
frosado@ecotrade.pt

Um pequeno passo para o homem que pode ser um grande passo para a humanidade (cont.)

Especula-se que as fracas expectativas em Cancún, que se arrastavam desde Copenhaga, é que tornaram possível que hoje se diga que foi uma pequena vitória. Um fracasso como o da COP15 poderia ter levado a um ponto sem retorno nas negociações internacionais sobre o clima. Uma imensa divisão sobre o prolongamento do Protocolo de Quioto (cujo período de cumprimento termina em 2012) foi uma ameaça. Na verdade, países como o Japão, Canadá e Rússia opuseram-se claramente à ideia de um acordo de metas como o Protocolo de Quioto.

A liderança mexicana, a vontade da China em não ser responsabilizada por qualquer tipo de fracasso ou o facto do papel de “fórum das negociações” ter sido restituído à ONU são justificações apontadas como factores relevantes para este pequeno avanço.

Quando todos acharam que era possível, em 2009, não foi. A verdade é que, embora modesto, este acordo reacendeu a chama nas negociações e trouxe novamente para cima da mesa a esperança.

Um pequeno passo para o homem que pode ser um grande passo para a humanidade (cont.)

Para a Ministra do Ambiente, Dulce Pássaro, esta Conferência “foi importante para restabelecer a confiança nas negociações internacionais, que tinham ficado comprometidas em Copenhaga”. Para a Ministra, um dos aspectos mais importantes do Acordo “é o de atender a reivindicações centrais dos países pobres, sobretudo na área da adaptação”. Também o presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, elogiou os resultados da reunião dizendo que este acordo “representa um importante passo em frente no caminho de um quadro integral e vinculativo no que diz respeito às alterações climáticas”.

No acordo aprovado em Cancún não há números concretos e vinculativos sobre os esforços que os países, ricos ou pobres, deverão fazer para reduzir as suas emissões de gases com efeito de estufa mas reconhece-se que o objectivo é manter a subida da temperatura média global abaixo dos 2°C. Em termos de resultados, deste acordo salienta-se a criação do Fundo Verde Climático para apoio aos países em desenvolvimento. Este pretende angariar 100 mil milhões de dólares até 2020 para financiar estes países e um mecanismo para lhes facilitar o acesso a tecnologias limpas. Por outro lado, os países em desenvolvimento terão também a ajuda de um Comité de Adaptação, criado para os apoiar na formulação dos seus planos de protecção climática. Salienta-se igualmente o desenvolvimento de novas exigências no âmbito do que é conhecido como *Measurement, Reporting and Verification* (MRV) quer para os países desenvolvidos como aqueles em desenvolvimento, assim como alguns desenvolvimentos, não obstante abaixo das expectativas, na temática de REDD. Por fim, ficaram também definidos parâmetros de financiamento para os países em desenvolvimento para que reduzam a desflorestação e degradação das florestas.

Ainda há um longo caminho a percorrer. Convencer os maiores emissores do mundo (EUA e China) a fixarem objectivos será com toda a certeza um dos maiores passos. Os líderes colocaram as negociações novamente no bom caminho.

Maria João Ramos

Comunicação

mramos@ecoprogresso.pt



O Clima, os Custos e o Clima nas empresas em 2010 (cont.)

Os custos

2010 fica ainda para a história com o 2º lugar no número de catástrofes naturais desde 1980, excedendo a média anual da última década (785 eventos por ano). Das 950 catástrofes naturais registadas em 2010, a maior parte (855) foram tempestades e grandes inundações, eventos intimamente relacionados com fenómenos meteorológicos extremos. Estes são os resultados mais recentes de um estudo efectuado por uma das empresas mais antigas na área das seguradoras, a Munich RE, que afirma que *“The high number of weather-related natural catastrophes and record temperatures both globally and in different regions of the world provide further indications of advancing climate change.”*

Esta seguradora foi a primeira a publicar, no início dos anos 70 um alerta sobre os riscos das alterações climáticas e mais tarde a participar na elaboração do 3º relatório de análise dos impactes das alterações Climáticas do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC).

Segundo este estudo, os custos económicos totais ascenderam os 130 mil milhões de dólares americanos, dos quais só 28% tinham seguro.

Recordando as palavras do vice-presidente do IPCC, Jean-Pascal Van Ypersele *“Os acontecimentos extremos são uma das maneiras pelas quais as mudanças climáticas se tornam dramaticamente perceptíveis”*.

As ondas de calor sentidas na Rússia entre Julho e Setembro, em alguns locais expuseram o território a dois meses consecutivos acima dos 30°C, provocando graves fogos que ameaçaram centrais nucleares e zonas contaminadas por radioactividade. Como resultado, segundo a Munich RE, cerca de 56 mil pessoas sucumbiram ao efeito combinado de temperaturas elevadas e poluição do ar devido ao fumo intenso.

O Clima, os Custos e o Clima nas empresas em 2010 (cont.)

Houve ainda outros acontecimentos extremos apontados por esta seguradora e pela OMM relevantes em 2010: uma grave seca na bacia do Amazonas e fortes monções em alguns países asiáticos bem como chuvas severas na Indonésia e na Austrália. Por outro lado, e por sorte, a época de furacões apesar de intensa foi relativamente benigna pois muitos não atingiram a costa americana e por isso com danos materiais e humanos não tão significativos com em anos anteriores. Segundo o mesmo estudo houve 19 tempestades tropicais em 2010, o mesmo número que 1995, ficando em terceiro lugar após 2005 com 28 e 1933 com 21.

O furacão mais caro foi nomeado Karl, no México, com perdas de 3.9 mil milhões de dólares americanos. As inundações recentes na Austrália, apesar de “usuais”, parecem estar a ser acentuadas pelas condições da “La niña” mas não estão ainda quantificadas por este estudo em termos de perdas económicas mas muitos locais ficaram isolados e submersos e muitas minas tiveram de encerrar a actividade.

O Clima Empresarial

Numa retrospectiva mais local, na última década o “clima” empresarial ficou marcado por mais e novos *players* em Portugal a incluir o carbono na sua lista de prioridades e preocupações corporativas, a tentarem reduzir a sua contribuição para a intensificação do efeito de estufa global e a comunicarem os seus resultados.

No passado dia 16 de Dezembro foram divulgados os resultados do ranking de responsabilidade climática de empresas portuguesas em 2010. Nesta 6ª edição do Índice ACGE, a Sonae Sierra, a EDP e os CTT foram as que mais se destacaram das 54 analisadas ficando no primeiro lugar na demonstração do seu rumo a uma economia de baixo carbono.

Segundo este estudo, em que 42 critérios foram avaliados pela organização não-governamental Euronatura, “as empresas com melhores classificações, durante o ACGE 2010 são aquelas que conseguem, tipicamente, estabelecer um plano estruturado e consistente de objectivos a longo prazo, dominam, de forma crescente, a monitorização dos indicadores climáticos relevantes, utilizam o CO₂e como indicador preferencial para a definição de objectivos e conseguem que as suas preocupações e reporte de responsabilidades trespasssem para a cadeia de valor.”

Os resultados destes seis anos reflectem a crescente maturidade das maiores empresas portuguesas na resposta aos desafios das Alterações Climáticas adoptando um posicionamento cada vez mais forte com acções que em muitos casos vão para além das suas obrigações legais. Para além do já denominador comum, que são os inventários de emissões e a aposta na eficiência energética, começam a surgir outras iniciativas como o incentivo a trabalhadores pelo seu desempenho ambiental, a adopção de critérios climáticos na selecção de fornecedores e mesmo os primeiros passos no campo da adaptação e na análise detalhada de riscos, como é o caso da projecção do impacte das alterações climáticas na actividade da Sonae Sierra. No entanto, o caminho ainda é longo, pois segundo o estudo, nota-se ainda alguma “*resistência em assumir e definir objectivos e metas quantificadas de emissões de GEE que considerem a totalidade da sua responsabilidade climática*”.

Na década em que acabámos de entrar é extremamente importante que as alterações climáticas e o carbono passem a estar definitivamente integrados na agenda corporativa das empresas numa perspectiva de gestão de risco olhando para os custos e para as oportunidades!

“It is important to be clever before losses occur – long-term climate change can cause damage that is virtually impossible to repair” (Munich RE, 2009).

Ana Martins

Consultora

amartins@ecoprogresso.pt

<http://ecosfera.publico.pt/noticia.aspx?id=1469220> – artigo de Ricardo Garcia no jornal Público - 2010 será um dos três anos mais quentes desde 1850.

http://www.munichre.com/en/media_relations/press_releases/2011/2011_01_03_press_release.aspx - press release da Munich RE- “Overall Picture of natural catastrophes in 2010 – very severe earthquakes and many severe weather events” – 3 de Janeiro de 2010

<http://www.responsabilidadeclimatica.net/index.php?ling=1&opcao=5> - - Resultados da edição de 2010 do índice de responsabilidade climática ACGE (Alterações Climáticas e Gestão de Empresas).

# RANKING	EMPRESA	PONTUAÇÃO
1	CTT	87,5%
1	EDP	87,5%
1	SONAE SIERRA	87,5%
4	BES	75,0%
5	CGD	72,5%
5	LIPOR	72,5%
7	BRISA	70,0%
7	PORTUGAL TELECOM	70,0%
7	VODAFONE PORTUGAL	70,0%
10	CARRIS	62,5%

Mercado de “low carbon technologies” na China vale 1 trilião de USD/ ano

Na China, estão a ser dados passos rápidos e sinais positivos, *bottom-up*, no sentido de implementar políticas e medidas para colocar o país no top de listas mundiais de: “Low Carbon Cities”, “Capacidade Instalada de Energias Renováveis”, medidas de “Eficiência Energética” e de “Mobilidade eléctrica” (só para referir alguns exemplos).

O Mercado de “low carbon tech and solutions” na China vale 1 trilião de USD/ ano. Espera-se que, até 2020, o investimento público no sector da energia por via da *National Energy Administration* (NEA) chegue aos 738 mil milhões de USD. A *China State Grid* planeia aumentar em 11.8 vezes a actual capacidade da rede eléctrica nacional. Estima-se que cerca de 263 mil milhões de USD sejam investidos anualmente em eficiência energética e redução das respectivas emissões de GEEs (Gases com Efeito de Estufa) associadas. Calcula-se um investimento público de 15 mil milhões de USD para promover a comercialização e utilização em larga escala de veículos eléctricos no país. Em 2008, 37% do “Plano de Estímulo da Economia” chinesa foi redireccionado para áreas de *Clean Tech*.

É no interface entre novas abordagens dos Mercados de Carbono e *Carbon Financing* que se abrem novas janelas de oportunidade para a transferência de tecnologia, soluções e serviços “*Made in Portugal*” para a China.

De acordo com um relatório divulgado no final de 2010 (disponível em <https://cdm.unfccc.int/Reference/Reports/TTreport/TTrep10.pdf>), sobre a “Contribuição do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo para a transferência de Tecnologia em Países em Desenvolvimento”, a quantidade de tecnologia a transferir para a China tem vindo a decrescer (de 90% entre 2004 e 2005 para 14% em 2009 e 2010), estando a verificar-se a importância de um mecanismo de avaliação especializado, como é o caso do que está a ser desenvolvido, o *Technology Needs Assessment* (TNA).

Por outro lado, o CDM Programático pode dar igualmente um impulso para inverter a tendência de transferência de tecnologia verificada no CDM, por exemplo, no que diz respeito a tecnologias para a Eficiência Energética de Edifícios e de Gestão de Energia do lado da Procura/ *DSM* (*Demand Side Management*) (ver a versão inglesa do novo enquadramento legal em vigor desde 1 de Janeiro de 2011 em http://switchboard.nrdc.org/blogs/bfinamore/taking_action_to_meet_its_clim.html)

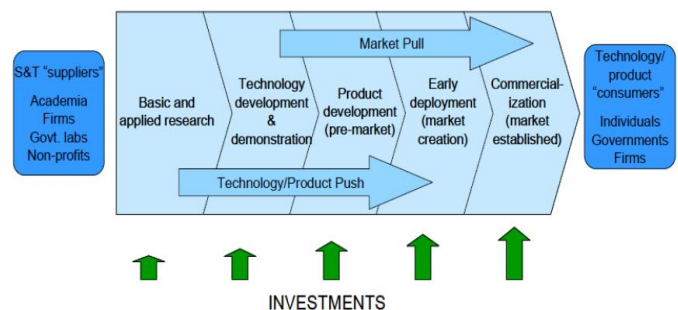
Estão a ser criados “*Clean Tech Clusters*” em várias cidades chinesas e, de acordo com o próximo *Five Year Plan* (2011-2015), a forma como os governadores locais conseguirem implementar estratégias locais de redução de emissões será um *Key Performance Indicator* para a avaliação do seu desempenho político. Mesmo não tendo um sistema de “Caps” que vincule a China internacionalmente, o país está a tentar definir os seus “limites” domésticos e a estudar a forma mais eficaz de fazer uma partilha desse esforço ao nível regional e sectorial. Nesse quadro, a definição de áreas piloto para a criação de mercado doméstico de carbono também será relevante.

De forma a identificar algumas linhas de acção futura da parte de Portugal e das empresas portuguesas num esforço de criação de uma plataforma de cooperação bilateral entre a China e Portugal para *Clean Tech* sugere-se a leitura do relatório “*on options to facilitate collaborative technology research and development*” preparado recentemente pelo Grupo de Peritos em Transferência de Tecnologia disponível em <http://unfccc.int/resource/docs/2010/sb/eng/inf04.pdf> e que serviu de base para a discussão recente em Cancún de onde emergiram decisões que são de extrema relevância em termos de *Clean Tech*.

Complementarmente a delegação da União Europeia em Pequim está igualmente a definir as linhas orientadoras para a futura cooperação bilateral entre a UE e a China em matéria de Inovação e *Clean Tech* articulando as Agendas de Energia e Clima com a promoção de sectores industriais competitivos e tecnologicamente avançados.

Renato Roldão
Chief Representative Officer
rroldao@ecoprogresso.pt

Main steps in the innovation chain



Abbreviations: S&T = science and technology; Govt. labs = government laboratories; Non-profits = Non-profit organizations.

Source: Sagar AD, Bremner C and Grubb M. 2009. Climate Innovation Centres: a partnership approach to meeting energy and climate challenges. *Natural Resources Forum*. 33(4): pp.274-284.

Durante 2011 serão carbonfree:

- Portal InovAR da LG
- Academia de formação da LG
- Newsletter InovAR da LG
- Gazeta mensal do Colégio Valsassina
- Portal PlanetAzul
- Os livros da APCC: Ginástica Animalástica e Trapalhadas azaradas com bolo de chantilly



NOTA: Os textos desta *newsletter* não foram escritos de acordo com o novo acordo ortográfico.

A Ecoprogresso é uma empresa:



Para mais informações contacte:

Maria João Ramos | Departamento de Comunicação
miramos@ecoprogresso.pt
T +351 217 981 210



Para Trading de Licenças contacte:

Francisco Rosado | Departamento de Trading
frosado@ecotrade.pt
T +351 217 981 212